

Entre o bem e o mal: anatomia do maniqueísmo¹ da mídia impressa brasileira a partir do caso da Guerra da Ucrânia²

Lucas Almeida de Brito³

Bruno Ferrari Baptista⁴

Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA

Resumo

Este trabalho analisa a cobertura da Guerra da Ucrânia nos editoriais e capas dos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo durante o primeiro ano do conflito. Com base em Bourdieu, Gramsci e Chomsky, a pesquisa identifica, por meio de análise de valência, a construção de um discurso maniqueísta e alinhado à perspectiva ocidental. Argumenta-se que essa abordagem, presente tanto no texto quanto nas imagens, define o tom da cobertura e expressa o posicionamento político dos veículos.

Palavras-chave: Guerra da Ucrânia; Mídia brasileira; Análise de valência.

Introdução

A Guerra na Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, impôs ao jornalismo global o desafio de cobrir um conflito de larga escala em um ecossistema midiático complexo, marcado pela desinformação e pela dependência de um fluxo de informações nem sempre verificáveis. Neste cenário, a imprensa brasileira se viu na tarefa de interpretar e narrar um evento geopolítico distante, mas com repercussões globais. Este artigo investiga não os pormenores da guerra, mas o posicionamento institucional da mídia brasileira, utilizando o conflito como um estudo de caso sobre a cobertura de eventos internacionais.

A Guerra na Ucrânia impôs ao jornalismo global o desafio de cobrir um conflito complexo em meio à desinformação e dependência informacional. Neste contexto, a imprensa brasileira interpretou e narrou um evento distante, mas globalmente significativo. Este artigo investiga especificamente o posicionamento institucional dos jornais brasileiros, utilizando o conflito como estudo de caso.

¹ O termo "maniqueísmo" refere-se aqui à construção discursiva que divide atores ou ideias em polos mutuamente excludentes (bem x mal). No contexto deste estudo, indica uma estratégia retórica e ideológica simplificadora, que reforça divisões binárias e desconsidera nuances complexas.

² Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

³ Formado em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA, e-mail: lbrito.lucas@gmail.com

⁴ Orientador, professor da faculdade de Jornalismo das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), e-mail: bruno.baptista@facha.edu.br

A relevância reside em desvelar como a aparente imparcialidade jornalística pode mascarar enquadramentos enviesados, com implicações diretas na percepção pública e na política externa brasileira. Parte-se da premissa de que os editoriais, textos que expressam a voz institucional dos jornais, são inerentemente opinativos, embora frequentemente utilizem recursos discursivos para simular objetividade. A análise revela que, no *corpus* estudado, a maioria dos editoriais (cerca de 70%) utiliza estratégias discursivas implícitas para mascarar posicionamentos políticos, recorrendo a afirmações que aparentam neutralidade. Em contrapartida, uma minoria (30%) assume explicitamente seu posicionamento editorial.

O foco da análise recai sobre os editoriais – por representarem a voz oficial do veículo – dos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, durante o primeiro ano da guerra (fev. 2022 a fev. 2023). Partindo da premissa de que a geopolítica da informação influencia diretamente a produção noticiosa, a pesquisa busca responder às seguintes questões: de que maneira as narrativas da mídia brasileira sobre o conflito são moldadas por dinâmicas globais de poder? E como os editoriais materializam e perpetuam o posicionamento hegemônico desses veículos?

O argumento central é que a cobertura editorial dos jornais analisados, longe de ser neutra, constrói um discurso maniqueísta (Ocidente versus Rússia) que reforça alinhamentos geopolíticos históricos e subestima a complexidade do conflito. Esse processo, analisado à luz de conceitos como poder simbólico, aparelhos de hegemonia e fabricação do consenso, funciona como um mecanismo de poder que visa à manutenção de uma visão de mundo alinhada aos interesses das elites proprietárias desses meios (BOURDIEU, 1989; GRAMSCI, 2001; HERMAN; CHOMSKY, 1988). A relevância desta análise reside em desvelar como a aparente imparcialidade jornalística pode mascarar enquadramentos enviesados, com implicações diretas na percepção pública e na política externa brasileira.

Para comprovar este argumento, o trabalho adota uma abordagem metodológica mista, detalhada na próxima seção. Realiza-se uma análise de valência dos editoriais para quantificar o tom atribuído aos atores do conflito, cujos resultados são então discutidos qualitativamente à luz do referencial teórico. O artigo segue com a apresentação dos resultados e, por fim, discute as conclusões e implicações da pesquisa.

Metodologia

Esta pesquisa utiliza uma abordagem metodológica mista, que combina a análise quantitativa e qualitativa para investigar o posicionamento editorial da mídia brasileira sobre a Guerra da Ucrânia. O *corpus* da investigação é constituído por todos os editoriais publicados nos jornais *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* que abordam o conflito, durante o marco temporal do seu primeiro ano (fevereiro de 2022 a fevereiro de 2023). A escolha dos editoriais se justifica por seu caráter de texto de opinião institucional, que representa a voz e o posicionamento oficial do veículo.

O procedimento foi dividido em duas fases. A primeira, de natureza quantitativa, consistiu na aplicação da análise de valência. Este método, que avalia a tonalidade (positiva, negativa ou neutra) de uma mensagem (FERES JÚNIOR, 2016), foi utilizado para mensurar o tratamento dado pelos jornais aos principais atores envolvidos no conflito. Para isso, foram definidos termos-chave (ex: “Rússia”, “Ucrânia”, “Brasil”, “EUA”, “OTAN”) e, em seguida, cada menção a esses termos nos editoriais foi classificada como inserida em um contexto de valência positiva, negativa ou neutra. Essa codificação permitiu a criação de um banco de dados quantitativo que revela a frequência e a intensidade do tom adotado por cada jornal.

A segunda fase, de natureza qualitativa, utiliza os dados quantitativos como ponto de partida para uma análise aprofundada. Os padrões de valência identificados na primeira fase são interpretados à luz do referencial teórico da pesquisa. Ou seja, busca-se compreender como a construção de um discurso editorial favorável ou desfavorável a certos atores se relaciona com os conceitos de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), de aparelhos privados de hegemonia (GRAMSCI, 2001) e de fabricação do consenso (HERMAN; CHOMSKY, 1988).

Em suma, a metodologia integra uma medição objetiva do tom da cobertura com uma interpretação teórica densa, permitindo não apenas descrever *como* os jornais se posicionam, mas também discutir porque o fazem de tal maneira.

Contexto do Conflito

A relação entre Rússia e Ucrânia é definida por uma dualidade histórica. Ambas as nações partilham uma origem comum na Rus' de Kiev, no século IX, e uma herança religiosa ortodoxa. Contudo, suas trajetórias divergiram, com a Ucrânia ocidental

passando por longos períodos sob influência polonesa-lituana e austro-húngara. Essa história resultou em uma marcante divisão interna: de um lado, o oeste ucraniano, mais nacionalista e alinhado à Europa; de outro, o leste e o sul, com fortes laços culturais e linguísticos com a Rússia e majoritariamente russófono (MIELNICZUK, 2006).

Essa fissura interna foi potencializada por dinâmicas geopolíticas externas após o fim da Guerra Fria. Com a dissolução da União Soviética em 1991 e a extinção do Pacto de Varsóvia, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) iniciou um processo de expansão para o leste, incorporando ex-membros do bloco soviético. Para a Rússia, que se via como herdeira política e militar da URSS, essa aproximação da OTAN às suas fronteiras foi consistentemente interpretada como uma ameaça direta à sua segurança e esfera de influência (HOBSBAWM, 2021).

As tensões latentes eclodiram em 2013-2014 com os protestos da "Euromaidan". Manifestações massivas de caráter pró-Europa levaram à deposição do então presidente ucraniano, o pró-russo Viktor Yanukovych. A Rússia reagiu prontamente, considerando o evento um golpe de Estado orquestrado pelo Ocidente. Em um movimento rápido, anexou a península da Crimeia – estratégica por seu acesso ao Mar Negro e por sua população majoritariamente russa – e apoiou forças separatistas nas províncias de Donetsk e Luhansk, na região do Donbas, dando início a um conflito de baixa intensidade que perduraria pelos anos seguintes (FERREIRA-PEREIRA; VIEIRA; MELO, 2014).

O cenário se agravou com a eleição do presidente Volodymyr Zelensky em 2019, que reforçou a aspiração ucraniana de aderir à OTAN. Em 24 de fevereiro de 2022, o governo de Vladimir Putin lançou uma invasão em larga escala, justificando a ação como uma "operação militar especial" para proteger as populações russófonas e "desnazificar" a Ucrânia. É neste complexo cenário, carregado de narrativas históricas, disputas geopolíticas e justificativas ideológicas, que a imprensa brasileira foi desafiada a construir sua cobertura, objeto de análise deste trabalho.

Arcabouço Teórico

A análise da cobertura midiática sobre a Guerra da Ucrânia exige um arcabouço que articule as dinâmicas de poder internas ao jornalismo com as estruturas da geopolítica informacional. Para tal, este trabalho mobiliza um tripé teórico composto por Antonio Gramsci, Pierre Bourdieu e a dupla Herman e Chomsky, complementado por uma análise do fluxo global de notícias.

O primeiro pilar parte do conceito de **hegemonia** de Antonio Gramsci, que descreve como a classe dominante mantém seu poder não apenas pela força, mas pela construção de um consenso cultural e ideológico. Nesse processo, a mídia e outras instituições da sociedade civil funcionam como **aparelhos privados de hegemonia**, disseminando a visão de mundo dominante até que ela seja internalizada como "senso comum" pelas demais classes (GRAMSCI, 2001). Converging com essa ideia, o "Modelo de Propaganda" de Edward Herman e Noam Chomsky oferece os mecanismos práticos de como esse consenso é fabricado. Eles argumentam que a mídia de massa opera através de "filtros" — como a propriedade corporativa dos veículos, a dependência de fontes oficiais e a pressão de anunciantes — que garantem a produção de notícias alinhadas aos interesses do poder estatal e econômico, limitando o espectro do debate público (HERMAN; CHOMSKY, 1988).

O trabalho de Pierre Bourdieu oferece a terceira lente de análise. O conceito de **campo jornalístico** é entendido como um espaço de disputas, enquanto o **habitus** se refere às disposições internalizadas que levam os jornalistas a reproduzir certas práticas. No caso brasileiro, o habitus de replicar narrativas internacionais é intensificado pela precarização das redações e pela escassez de correspondentes próprios. Essa dinâmica reforça o exercício do **poder simbólico**: a capacidade de impor uma visão de mundo específica — no caso, o enquadramento maniqueísta do conflito — como se fosse a única representação objetiva e legítima da realidade (BOURDIEU, 1989; WACQUANT, 2013).

Essas dinâmicas internas ao campo jornalístico brasileiro são indissociáveis da **geopolítica da informação**. A mídia nacional demonstra uma forte dependência de um pequeno número de agências de notícias internacionais, majoritariamente do Norte Global (Reuters, AFP, AP, EFE), que são responsáveis por mais de 90% do fluxo de notícias internacionais consumido no Brasil (VALENTE, 2007). Essa dependência estrutural significa que o agendamento (*agenda-setting*) e o enquadramento inicial das notícias já chegam pré-definidos por atores que, por sua vez, operam como instrumentos de *soft power* e diplomacia midiática para seus países de origem (KEOHANE; NYE, 2006; GILBOA, 2001).

Em síntese, o arcabouço teórico integra estas quatro dimensões: as agências internacionais (geopolítica da informação) fornecem a matéria-prima e os enquadramentos dominantes, que são então processados e legitimados no campo jornalístico nacional através dos filtros (Herman e Chomsky) e do habitus (Bourdieu),

cumprindo a função de manutenção da hegemonia (Gramsci). Este modelo integrado permite uma análise complexa do porquê a cobertura editorial sobre a Ucrânia se manifesta de forma tão alinhada e maniqueísta.

Resultados e Análise

Esta seção apresenta os resultados da análise das capas e dos editoriais dos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo durante o primeiro ano da Guerra da Ucrânia. A análise se desdobra em três partes: primeiro, um panorama quantitativo da cobertura editorial; segundo uma análise qualitativa das capas; e terceiro, uma análise de valência detalhada dos editoriais, que conecta os achados ao arcabouço teórico.

Panorama Quantitativo da Cobertura

Ao longo do período de um ano, foram analisados 78 editoriais que tratavam diretamente do conflito: 30 da Folha, 29 de O Globo e 19 do Estadão. A intensidade da cobertura não foi constante. Houve um pico expressivo em março de 2022, mês imediatamente posterior à invasão, com um total de 25 editoriais. Após esse pico, a frequência diminuiu consideravelmente, com poucos editoriais nos meses de meio de ano, período que coincidiu com a cobertura da Copa do Mundo e das eleições presidenciais no Brasil, retomando o fôlego apenas no aniversário de um ano da guerra, em fevereiro de 2023.

Dos 78 editoriais analisados, identificou-se que:

- Cerca de 40% afirmam explicitamente ou implicitamente imparcialidade através do uso de fontes externas ou vocabulário técnico;
- 30% adotam enquadramentos implícitos, marcados por adjetivações ou escolhas lexicais carregadas de valor;
- 30% assumem explicitamente posições políticas claras, como apoio direto à Ucrânia ou condenação explícita da Rússia.

Análise das Capas: A Construção do Impacto Inicial

As capas do dia 25 de fevereiro de 2022, o primeiro após a invasão, revelam um notável alinhamento. Os três jornais utilizaram o mesmo verbo de forte carga negativa – "atacar" – para descrever a ação russa. *O Globo* e a *Folha* imediatamente enquadraram o evento em uma perspectiva histórica grandiosa ("maior ação na Europa após Segunda

Guerra"; "desafia geopolítica global") e personalizaram o conflito na figura de Vladimir Putin, enquanto o *Estadão* focou mais na ação militar em si. As imagens, com exceção de uma no *Globo*, priorizaram o impacto humano sobre os civis, reforçando a narrativa de vitimização. Um ano depois, a cobertura foi mais contida, com destaque menor nas capas e um foco na readequação geopolítica, demonstrando um arrefecimento do impacto inicial.

Análise de Valência: O Tom do Posicionamento Editorial

A análise de valência dos editoriais revela uma construção discursiva marcadamente maniqueísta e alinhada entre os três veículos, embora com variações de intensidade.

O Estado de S. Paulo: Foi o veículo que empregou os adjetivos mais fortes. A Rússia e Putin foram consistentemente classificados com valência negativa, através de termos como "criminoso de guerra", "autocrata" e "atrocidades". A política externa brasileira, tanto de Bolsonaro quanto as falas de Lula, foi alvo de críticas contundentes ("atuação embaraçosa", "ideologia tacanha"). Em contraste, a Ucrânia e seus aliados ocidentais receberam valência majoritariamente positiva ou neutra-simpática, com Zelensky sendo frequentemente chamado de "líder".

Folha de S. Paulo: Manteve uma linha crítica similar, descrevendo Putin como "autoritário" com "intenções tirânicas" e a Rússia movida por "ressentimento". A *Folha* se destacou por uma crítica pontual à estratégia ocidental, qualificando as sanções como "draconianas" e erradas por "punir civis e a cultura russa". Ainda assim, a valência geral pendeu claramente contra a Rússia e a favor da resposta humanitária da União Europeia, descrita como "acolhedora".

O Globo: Adotou um tom incisivo, tratando a Rússia como "agressiva" e com "devaneios imperialistas". O jornal expandiu a crítica à "ordem global", qualificada como "ineficaz e caduca". A gestão de Bolsonaro foi chamada de "vergonha", e falas de Lula sobre o conflito levaram o jornal a afirmar que ele "deve desculpas". Notavelmente, *O Globo* foi o único a trazer uma valência crítica a uma fala de Zelensky ("insistência no genocídio"), mas o padrão geral permaneceu firmemente condenatório à Rússia.

Análise Integrada: Maniqueísmo e Consenso Hegemônico

Os resultados demonstram um padrão claro: a construção de um antagonismo entre um lado "bom" (Ucrânia e o Ocidente, retratados como vítimas ou líderes corajosos) e um lado "mau" (Rússia, descrita com termos ligados à tirania e agressão). Essa narrativa maniqueísta, compartilhada pelos três maiores jornais do país, transcende suas diferenças políticas em outros temas e se alinha à perspectiva hegemônica das potências ocidentais e das agências de notícias internacionais.

Conectando aos referenciais teóricos, este enquadramento funciona como um exercício de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), que legitima uma interpretação específica do conflito como a única correta. Ao fazer isso, os jornais atuam como aparelhos privados de hegemonia (GRAMSCI, 2001), fabricando um consenso que favorece um determinado alinhamento geopolítico. Os filtros do modelo de propaganda (HERMAN; CHOMSKY, 1988) — como a dependência de fontes ocidentais e os interesses dos conglomerados — explicam o mecanismo pelo qual esse resultado previsível é alcançado, independentemente das intenções individuais dos jornalistas. A cobertura da guerra, portanto, revela-se menos um relato objetivo e mais uma reprodução de uma narrativa de poder pré-existente no cenário global.

Conclusão

Esta pesquisa conclui que a cobertura da Guerra da Ucrânia pelos principais jornais do Brasil foi marcada por um profundo maniqueísmo. A análise das capas e dos editoriais revelou a construção de uma narrativa que simplifica o conflito na oposição entre um "bem" (Ucrânia e o Ocidente) e um "mal" (Rússia), um fenômeno que se explica, em grande parte, pela dependência estrutural da mídia nacional em relação às agências e enquadramentos do Norte Global. Essa terceirização da análise resulta em um jornalismo "pasteurizado", que empobrece o debate público ao importar uma perspectiva externa em vez de fomentar uma compreensão autônoma, alinhada aos interesses e à realidade brasileira.

O arcabouço teórico mobilizado demonstrou ser uma ferramenta eficaz para dissecar este processo. As teorias de Gramsci, Bourdieu e Herman e Chomsky, em conjunto, permitem conectar o fluxo assimétrico da geopolítica da informação com as práticas do campo jornalístico nacional. Fica evidente como os jornais atuam na manutenção de uma hegemonia, exercendo seu poder simbólico para naturalizar uma

visão de mundo específica. A análise não apenas aponta a existência de um viés, mas explica os mecanismos estruturais, ideológicos e econômicos que o produzem.

As implicações destes achados transcendem o caso ucraniano. A tendência de adotar narrativas simplificadas e polarizadas em eventos internacionais complexos é um padrão recorrente que representa um risco para a democracia, pois subestima a capacidade crítica do público e pode reforçar estereótipos. Torna-se imperativo, portanto, um esforço consciente por parte dos veículos de comunicação para buscar a complexidade, questionar as fontes hegemônicas e humanizar todos os lados de um conflito, incluindo os impactos de sanções e preconceitos sobre populações civis.

Este trabalho, ao se debruçar sobre as motivações e os contextos que geram as ações, advoga por um jornalismo que resista ao apelo das representações simplórias. Futuras pesquisas podem se aprofundar nas "brechas" deste sistema, investigando iniciativas de mídia independente ou práticas de jornalistas que conseguem desafiar o enquadramento dominante. Em última análise, a busca por um paradigma de cobertura internacional mais crítico e plural é um passo fundamental para fortalecer não apenas o jornalismo, mas a própria capacidade da sociedade de compreender seu lugar no mundo.

Referências

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

FERES JÚNIOR, J. Análise de valências, debate acadêmico e contenda política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 20, p. 313–322, 2016.

FERREIRA-PEREIRA, L. C.; VIEIRA, A. V. G.; MELO, F. S. DE. A União Europeia como Ator na Vizinhança do Leste: O Caso da Ucrânia. **Contexto Internacional**, v. 36, n. 2, p. 487–517, dez. 2014.

GILBOA, E. Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects. **Diplomacy and statecraft**, v. 12, n. 2, p. 1–28, 2001.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere, v. 2**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HERMAN, E.; CHOMSKY, N. **Manufacturing Consent: the Political Economy of the Mass Media**. 1. ed. [s.l.] Pantheon Books, 1988.

HOBBSBAWM, E. **Era Dos Extremos: O Breve Seculo Xx: 1914-1991**. [s.l.] Companhia das Letras, 2021.

KEOHANE, R.; NYE, J. Power, interdependence and the information age. In: LITTLE, R.; SMITH, M. (Eds.). **Perspectives on World Politics**. Nova York: Routledge, 2006.

MIELNICZUK, F. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS. **Contexto Internacional**, v. 28, n. 1, p. 223–258, jun. 2006.

VALENTE, L. **Política Externa na Era da Informação**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

WACQUANT, L. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estudos CEBRAP**, p. 87–103, jul. 2013.